

TERNURA

Coleção **MINISTÉRIOS**

- *Formação: desafios morais*, VV.AA.
- *Igreja e escândalos sexuais: por uma nova cultura formativa*, VV.AA.
- *Formação: desafios morais 2*, VV.AA.
- *Teologia da prevenção: por um caminho de humanização*, VV.AA.
- *Direitos humanos e Doutrina Social da Igreja: da globalização da indiferença à globalização da solidariedade*, VV.AA.
- *Ética teológica e pandemias: entre a razão e a urgência social*, VV.AA.
- *Sexualidade e pastoral: aos párocos e agentes de pastoral*, VV.AA.
- *Ética teológica e discernimento: entre a razão e a educação solidária*, VV.AA.
- *Ternura: uma abordagem ético-teológica*, VV.AA.
- *Formação integral por uma cultura do cuidado*, Ronaldo Zacharias (org.)

José Antonio Trasferetti
Ronaldo Zacharias
(orgs.)

Ternura

Uma abordagem ético-teológica



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Frei Darlei Zanon*

Gerente de *design*: *Danilo Alves Lima*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Capa e diagramação: *Gustavo Gomes*

Imagem de capa: *iStock*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ternura : uma abordagem ético-teológica / organização de José Antonio Trasferetti, Ronaldo Zacharias. - São Paulo : Paulus, 2023.
(Coleção Ministérios)

ISBN 978-65-5562-921-7

1. Deus - Amor 2. Ternura – Aspectos religiosos 3. Virtudes
4. Ética I. Trasferetti, José Antonio II. Zacharias, Ronaldo
III. Série

23-3303

CDD 231.6

Índice para catálogo sistemático:
1. Deus - Amor



Conheça o catálogo PAULUS acessando:
paulus.com.br/loja, ou pelo **QR Code**
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel. (011) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-921-7

APRESENTAÇÃO

Na esteira do Papa Francisco – que tem ajudado a Igreja a redescobrir a importância da ternura tanto para a compreensão de Deus quanto para a qualidade das relações humanas –, os autores desta obra empenham-se em apresentar a ternura como um novo modo de anunciar a mensagem cristã numa sociedade tão dilacerada pelo ódio e pela violência.

Os três primeiros capítulos procuram mostrar o quanto é urgente uma revolução da ternura num contexto de difusão do ódio. Maria Inês de Castro Millen, depois de descrever as raízes e consequências do ódio, aponta algumas alternativas a tal cultura, unificando-as na decisão fundamental de deixar-se tocar pela dor do outro, rompendo, desse modo, com um estilo de vida marcado pela indiferença. Para William Cesar Castilho Pereira, a saúde mental das pessoas está intimamente ligada ao enfrentamento da erotização do ódio, e isso implica, além da educação para o manejo de atos de ira e agressividade, superação da publicização gratuita de tais atos. Nilo Ribeiro Junior, por sua vez, motiva a importância de esboçar uma ética crístico-teológica que seja capaz de inspirar e mover o agir dos cristãos e levá-los a configurar sua vida com o Cristo, a ponto de tornarem-se eles mesmos ternos, compassivos, generosos, solícitos e misericordiosos.

Em seguida, os autores focam o olhar sobre o agir da Trindade como paradigma decisivo da ternura. Zuleica Aparecida Silvano nos brinda com o estudo dos textos bíblicos que revelam Deus como Pai-Mãe e expressam sua ternura paterna-materna, convidando-nos a nos relacionar com Deus não apenas como pai, mas também como mãe, com aquele-aquela que expressa um amor entranhado pela humanidade, que a acompanha com laços de ternura e de amor. Victor Carmo- na nos oferece um diálogo entre o Evangelho de Lucas e as

experiências tidas por ele junto aos imigrantes refugiados que buscam asilo nos Estados Unidos, evidenciando a pessoa de Jesus como ternura encarnada e as ações ternas daqueles que o seguem como essenciais para se viver na esperança do Reino. Solange Maria do Carmo e Eduardo César Rodrigues Calil, depois de nos apresentarem as diversas imagens do Espírito e procurarem fazer uma sistematização teológica do seu rosto, propõem a ternura como uma das feições do Espírito mais urgentes e necessárias para os dias de hoje, por tudo o que ela revela do modo de ser-agir de Deus.

Por fim, os últimos três capítulos se concentram na virtude da ternura como práxis cristã na superação do ódio. José Antonio Trasferetti apresenta a ternura como opção fundamental que se manifesta num estilo de vida que privilegia os últimos da sociedade, que leva a amar como ama a Trindade e que combate toda espécie de iniquidade. Ronaldo Zacharias apresenta o significado da ternura no processo de acolhida, acompanhamento, discernimento e integração dos fiéis na comunidade de fé, sobretudo daqueles que sofrem o preconceito e a exclusão moral. Marília Silvina Astigueta, por fim, aborda a ternura como um comportamento virtuoso que incorpora amor e cuidado com a Casa Comum (ecoternura), comportamento esse que constrói e não destrói, integra e não exclui, agrega e não desagrega e se manifesta no acolhimento das diferenças, no favorecimento do diálogo, na construção do equilíbrio e da harmonia entre todos os seres vivos que habitam a Terra.

Auguramos que a leitura desta obra favoreça o reconhecimento de que a experiência da ternura de Deus se dá no encontro com as chagas da humanidade e, por conseguinte, leve a querer tocá-las e a desejar curá-las.

José A. Trasferetti
Ronaldo Zacharias

PARTE 1

POR UMA REVOLUÇÃO DA TERNURA NUM CONTEXTO DE DIFUSÃO DO ÓDIO

A CULTURA DO ÓDIO

Maria Inês de Castro Millen¹

*“O mais poderoso opiáceo já criado: o ódio”
(Leandro Karnal).*

Pode parecer estranho abrir um livro sobre a ternura com um capítulo sobre o ódio. Não pretendo, aqui, abordar o ódio como mera paixão, mas como uma cultura que, aos poucos, vai se instaurando e se difundindo. É preciso compreender tal fenômeno para poder colher todo o significado da ternura e a urgência de fazer com que ela também seja edificada como uma cultura que, ao contrapor-se ao ódio, favoreça relações mais fraternas e solidárias, compassivas e misericordiosas.

O ódio é um sentimento estranho: presente no coração das pessoas e no coração das culturas, ele provoca muita violência e estragos irreparáveis. Primeiramente, precisamos ter presente que o ódio se distingue, em alguns aspectos essenciais, de outros sentimentos semelhantes, como a raiva e a ira. A raiva é definida como uma emoção espontânea, que nos acomete como reação imediata a um incômodo qualquer, proveniente do modo de ser, do comportamento de pessoas ou ainda de fatos incontrolláveis. Normalmente,

¹ Maria Inês de Castro Millen é doutora em Teologia Moral (Pontifícia Universidade Católica – Rio de Janeiro), mestra em Ciências da Religião (Universidade Federal de Juiz de Fora), membro da Comissão Especial de Bioética da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e perita do INAPAZ, Instituto de Pastoral P. Alberto Antoniazzi, organismo técnico de assessoria teológico-pastoral vinculado ao secretariado geral da CNBB.

é passageira e aparece como um mecanismo de defesa, até necessário algumas vezes. A ira é mais perigosa porque supõe uma reação imediata, mas com carga maior de violência, contra quem ou o que nos indignou, seja pessoas, seja fatos ou instituições. Embora ela tenha, às vezes, o propósito de preservar valores, para que não se transforme em ódio, também ela deve ser passageira e ser orientada à busca sensata de soluções. Assim, nem a raiva nem a ira devem ser alimentadas, pois, se ganham espaço em nós, o ódio se instala e, uma vez instalado, é difícil livrar-se dele. O ódio, então, não pode ser compreendido como uma reação espontânea. Ele é planejado, pensado, alimentado e, por isso, é duradouro, faz morada em nós, nos desaloja de nós mesmos, nos aliena porque nos domina.

O ódio tem, ainda, outras características complexas que precisam ser consideradas: se considerarmos suas manifestações, perceberemos que nele está inscrita uma agressividade assassina que precisa ser modificada; se nos voltarmos para suas raízes, constataremos que o ódio resulta de mecanismos conscientes ou inconscientes que fomentam reações agressivas e violentas, a ponto de articular o mal a ser feito com o outro e até mesmo sua eliminação. O ódio não reconhece limites, cega as pessoas e rouba delas a liberdade, comprometendo radicalmente a fraternidade, a amizade, a ternura, a esperança e a paz tão desejadas.

O dicionário Aurélio sintetiza bem tais elementos ao definir o ódio como: “1. Paixão que impele a causar ou desejar mal a alguém; execração, rancor, raiva, ira; 2. Aversão a pessoa, atitude, coisa etc.; repugnância, antipatia, desprezo; repulsão”.² Ele se diferencia da raiva e da ira por ser um sentimento intenso, cego, descontrolado, violentamente impulsivo. Sendo,

² HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 1214.

portanto, uma emoção tão perigosa e nefasta, precisamos compreender como as pessoas se deixam invadir por ela. Tentar entender como o ódio se edifica culturalmente faz parte do caminho que devemos percorrer. Num primeiro momento, procuraremos identificar as raízes do ódio e da sua alarmante disseminação nos dias de hoje. Em seguida, refletiremos sobre as consequências de uma cultura do ódio, aproximando-nos da dor e do sofrimento das pessoas, a fim de buscarmos algumas alternativas viáveis a esse modo tão deletério de viver.

1. O ÓDIO, SUAS RAÍZES E CONSEQUÊNCIAS

Embora saibamos que a realidade do ódio é tão antiga quanto a origem da humanidade, refletiremos aqui sobre suas causas a partir do contexto em que vivemos hoje. Pensar nas suas origens remotas nos faria ter de visitar os mitos e relatos criacionais e a história dos povos mais antigos, e percorrer, assim, uma viagem importante para a compreensão do ser humano e do seu modo de habitar o mundo, mas isso nos distanciaria dos objetivos aqui propostos.

É comum nos sentirmos imersos numa “cultura de ódio”; por isso é que nos perguntamos por sua causa. O que as ciências humanas nos dizem é que o ódio não é um sentimento isolado. Ele está associado a tantos outros sentimentos, sejam eles mais ou menos conscientes. Apresentaremos, aqui, quatro possíveis causas – o medo, o fanatismo, a mentira e o dinheiro –, sem, com isso, pretender restringir o ódio somente a elas.

1.1 O MEDO

O sociólogo Zygmunt Bauman aborda a associação entre ódio e medo. Em uma entrevista recente, assim ele se manifesta:

Medo e ódio têm as mesmas origens e se alimentam da mesma comida: eles lembram os gêmeos siameses condenados a passar toda a vida na companhia recíproca. Em muitos casos, não apenas nasceram juntos, mas também só podem morrer juntos. O medo deve necessariamente buscar, inventar e construir os objetivos sobre os quais deve descarregar o ódio, enquanto o ódio precisa da qualidade assustadora dos seus objetivos como razão de ser: eles se entrecrocaram reciprocamente, só podem sobreviver assim.³

No seu livro *Medo líquido*, de 2006, Bauman associa o medo ao mal e diz que talvez eles sejam apenas dois nomes da mesma experiência: um aponta para o que se vê e ouve, para o “lá fora”, para o mundo; o outro, para o que se sente, para o “aqui dentro”, para si mesmo. Segundo ele, o que realmente tememos é o mal.⁴ No fundo, tememos “lá fora” o que está “aqui dentro”, em nós mesmos. Quando, na entrevista de 2016 – dez anos depois da publicação do livro –, ele associa, quase com as mesmas palavras, o medo ao ódio, deixa claro que mal e ódio são a mesma coisa ou estão no mesmo patamar, o que torna o ódio ainda mais assustador.

Consideremos, portanto, o medo como causador e parceiro do ódio. Para o sociólogo, o medo se apresenta como uma trindade envenenada, que traduz o encontro de três sentimentos obsessivos: a ignorância, a impotência e a humilhação. A ignorância é gerada pelo pouco apreço pela educação e pelo estímulo de uma comunicação desencontrada que produz desinformação, inseguranças, incertezas ou certezas sem fundamento. O medo, que provém da

³ PACI, Francesca. “O medo e o ódio têm a mesma origem”. Entrevista com Zygmunt Bauman. *Instituto Humanitas Unisinos* (12.07.2016). Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/557602-qo-medo-e-o-odio-tem-a-mesma-origemq-entrevista-com-zygmunt-bauman>. Acesso em: 20 nov. 2022.

⁴ BAUMAN, Zygmunt. *O medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 74.

ignorância, nos paralisa e nos aliena, impedindo qualquer ação positiva, e, por isso, nos torna impotentes. Os impotentes, na sociedade da eficácia e do sucesso, se frustram, se sentem humilhados. E o que acontece com essas criaturas, ignorantes, frustradas, humilhadas e abatidas? Muitas se deprimem e adoecem; outras procuram revidar e fabricam um bode expiatório, um inimigo a quem combater.

1.1.1 O medo gerado

Precisamos considerar que existe um medo real: o medo da finitude, da morte, das tragédias, das doenças. Às vezes, esse medo é paralisador; outras vezes, ele nos movimenta na busca de soluções criativas, de remédios que aliviem o mal-estar que se instaura. Mas o que não podemos deixar de pensar é que existe também um medo que é gerado, que faz parte de uma estratégia de dominação do outro. É esse medo que é irmão gêmeo do ódio. Ele é gerado pelo poder dos que se consideram fortes numa determinada situação ou contexto e que usam desse poder para manipular consciências, enfraquecendo o outro através de ameaças, ofensas, humilhações, torturas, aniquilamentos.

Primo Levi – sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz – descreve muito bem essa violência do poder, geradora de medo, ignorância, frustração e humilhação, chamando-a de “violência inútil”.

Ora, acredito que os doze anos hitlerianos compartilhem sua violência com muitos outros espaços/tempos históricos, mas que se caracterizam por uma difusa *violência inútil*. Com um fim em si mesma, *voltada unicamente para a criação de dor*: às vezes voltada para um objetivo, mas sempre redundante, sempre fora de proporção em relação ao próprio objetivo.⁵

⁵ LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Os delitos, os castigos, as penas, as impunidades. São Paulo: Paz e Terra, 2020, p. 85 (grifos nossos). Vale a pena ler todo o V capítulo do livro: *Violência inútil*, p. 85-102.

Essa “violência inútil”, causadora de dor, de uma sensação debilitante de impotência e de destituição, de mortes cruéis e extremamente humilhantes para pessoas e povos, só aconteceu e ainda acontece porque aqueles que a perpetraram estão nutridos pelo ódio; um ódio que busca a eliminação do diferente, a exclusão do que pesa e onera, do que é considerado menos digno, daquele que remete o próprio carrasco aos seus medos mais ancestrais.

Ninguém nasce odiando. Isso significa que esse tipo de ódio não é natural, mas aprendido, assimilado. É resultado de uma educação manipuladora, geralmente infundida por ideólogos do poder que, ao sustentarem um líder carismático, conseguem o controle de grandes massas para tal fim, formando identidades apagadas e/ou psicopáticas.

Freud, na sua obra *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*,⁶ se afasta um pouco da psicologia individual para tratar da psicologia social ou das massas. Assim, ele busca alguns parâmetros psicológicos e emocionais que possam traduzir esse fenômeno social que se manifesta na formação e manutenção das massas humanas. Logo na introdução do texto, ele afirma que “a psicologia de massas trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim”.⁷ A grande questão para Freud é compreender como um indivíduo pode romper com seus laços primeiros, com aqueles que lhe são mais próximos, para se alinhar a uma multidão que adquiriu as características daquilo que ele chama de “massa psicológica”.

⁶ FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1922)*. Obras completas, v. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁷ FREUD. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*, p. 11.

Três perguntas são feitas por Freud, e nós também precisamos enfrentá-las: “O que é uma ‘massa’, de que maneira adquire ela a capacidade de influir tão decisivamente na vida psíquica do indivíduo, e em que consiste a modificação psíquica que ela impõe ao indivíduo?”⁸ Desvendar essa “alma coletiva”, que possibilita aos indivíduos atuarem de forma diferente de como agiriam se estivessem a sós consigo mesmos, é a chave para a compreensão desse fenômeno.

Para Gustave Le Bon, citado por Freud, “a massa psicológica é um ser provisório, composto de elementos heterogêneos que por um instante se soldaram, exatamente como as células de um organismo, e formam, com a sua reunião, um ser novo que manifesta características bem diferentes daquelas possuídas por cada uma das células”.⁹ Para desvendar a “alma coletiva”, portanto, é preciso antes pensar sobre as motivações conscientes ou inconscientes que fazem um indivíduo se transformar em “massa”. O que, na verdade, o une aos outros? Qual é o elo que os mantém conectados entre si, de tal modo a se tornarem, juntos, um “outro”? Algumas hipóteses podem ser levantadas sem que cheguemos a uma resposta única.

O que percebemos é que, na situação de “massa”, as pessoas singulares se empoderam e se sentem para além de suas fragilidades e inseguranças. Perdem o medo e o sentimento individual que as responsabilizaria por algum ato praticado. Elas se sentem apenas mais uma entre tantas que agem coletivamente e, por isso, são capazes de tudo.

Freud nos lembra ainda que, na situação de “massa”, acontece o “contágio mental”, uma espécie de cegueira, de hipnose coletiva, que contamina a todos que se deixam manipular. “Numa massa, todo sentimento, todo ato são contagiosos, e isso a ponto de o indivíduo sacrificar facilmente

⁸ FREUD. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*, p. 12.

⁹ FREUD. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*, p. 13.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
PARTE 1 – POR UMA REVOLUÇÃO DA TERNURA NUM CONTEXTO DE DIFUSÃO DO ÓDIO	7
Capítulo 1 – A CULTURA DO ÓDIO <i>Maria Inês de Castro Millen</i>	9
Capítulo 2 – A CULTURA DO ÓDIO E A SAÚDE MENTAL <i>William Cesar Castilho Pereira</i>	37
Capítulo 3 – A SABEDORIA DA TERNURA: POR UMA ÉTICA CRÍSTICA EM TEMPOS DE DISCURSOS DE ÓDIO <i>Nilo Ribeiro Júnior</i>	63
PARTE 2 – O AGIR DA TRINDADE COMO PARADIGMA DECISIVO DA TERNURA	93
Capítulo 4 – DEUS PAI-MÃE NO ANTIGO TESTAMENTO <i>Zuleica Aparecida Silvano</i>	95
Capítulo 5 – DEUS FILHO COMO TERNURA ENCARNADA <i>Victor Carmona</i>	127
Capítulo 6 – DEUS ESPÍRITO COMO DELICADEZA E LEVEZA <i>Solange Maria do Carmo e Eduardo César Rodrigues Calil</i>	157
PARTE 3 – A VIRTUDE DA TERNURA COMO PRÁXIS CRISTÃ NA SUPERAÇÃO DO ÓDIO	189
Capítulo 7 – A TERNURA COMO OPÇÃO E ESTILO DE VIDA <i>José Antonio Trasferetti</i>	191
Capítulo 8 – A TERNURA NO PROCESSO DE ACOLHIDA, ACOMPANHAMENTO, DISCERNIMENTO E INTEGRAÇÃO <i>Ronaldo Zacharias</i>	215
Capítulo 9 – A TERNURA COMO AMOR E CUIDADO DA CASA COMUM (ECOTERNURA) <i>Maria Silvina Astigueta</i>	251